

As Crônicas
de Évora

Sidélío Magalhães

As Crônicas de Évora

Herança de Ossos

1ª edição

Belo Horizonte

Sidélío José Magalhães Silva

2021

Copyright © 2015 Sidélio Magalhães All rights reserved

Proibido a reprodução total ou parcial desta obra, salvo para efeito de divulgação ou resenha. Do contrário, os infratores serão processados na forma da lei. Os direitos autorais pertencem única e exclusivamente ao autor Sidélio Magalhães.

Prólogo

Sec. XV - 1485

Os garotos chegaram cedo para ver a bruxa pegar fogo. Ainda estava escuro quando os primeiros moradores de Évora começaram a se agrupar na praça central da cidade. Os dois meninos se esgueiraram no meio da multidão, passando por entre pernas e braços dos homens e mulheres que ali se aglomeravam. Eles avançaram como gatos com suas botas felpudas, amassando a lama e o gelo. Uma fina camada de neve cobria a cidade, como se os céus a tivessem tingido de cal. Os moleques escolheram o local mais alto da praça onde a fogueira estava montada. Do alto do pórtico da igreja de Santo Antão daria para ver toda a encenação dos inquisidores.

Luzes de velas bruxuleavam por trás das venezianas das sólidas casas de madeira e pedras construídas em torno da praça. O céu mudava a cor do preto para o cinza, enquanto mais e mais moradores se aglomeravam; a fonte da praça tentava vencer o frio e manter-se descongelada, jorrando água e dando vida àquele lugar de morte. Logo um grupo de rapazes entrou na praça, andando com uma atitude arrogante,

expulsando os meninos com pontapés e sopapos, tomando o seu lugar no pórtico da igreja. Um dos rapazes se coçou, cuspiu no chão e disse:

_Se ela tiver sorte morrerá sufocada pelo calor antes mesmo que o fogo a consuma por inteira.

_Dizem que o calor das chamas penetra nos pulmões e queima tudo por dentro – disse outro rapaz.

_Isso não deve ser problema para ela – um terceiro disse -, ela é uma bruxa, não é mesmo? Já deve estar acostumada com a queimadura do inferno.

Os três gargalharam. Algumas velhas passaram por eles e se posicionaram do outro lado da praça, evitando seus comentários vulgares e debochados. A líder das velhas, a temida viúva Damares, juntou-se a elas, trazendo consigo um barril de vinho e não tardou para que os primeiros fregueses a rodeassem com seus copos de estanho fundido.

Um guarda abriu os portões da cidade deixando entrar os camponeses que moravam nos subúrbios ou nas encostas da muralha. Alguns traziam ovos, leites, galinhas e porcos para serem vendidos ou trocados por

vinho e cerveja, outros vinham pelo simples prazer de ver uma bruxa pegar fogo.

Quando o sol começou a despontar por trás da densa nuvem cinzenta que encobria o céu, abriram-se as enormes portas de madeira da igreja e saiu lá de dentro uma mulher com as mãos amarradas, escoltada por um grupo de frades. Atrás deles vinham três homens que pelas roupas revelavam ser um cavaleiro, um frei e um bispo. Quatro homens armados da Ordem dos Freires de Évora faziam a escolta da procissão.

Todos haviam estado na corte do condado na nave da igreja em atos inquisitórios no dia anterior. Um dos monges tinha apanhado a bruxa em flagrante delito, quando sacrificava a própria filha em um ritual satânico. A bruxa era de família nobre da corte de Dom João II, conhecida como os Cordovils e mesmo assim não escapou da fogueira santa. A inquisição católica estava no auge na Europa, e ninguém escapava da fogueira, pois a bula papal, emitida pelo Papa Inocêncio VIII chamada de "Summis desiderantes affectibus" considerava herege todo ato de bruxaria e satanismo e a punição, independente de classe social, sexo ou cor era a fogueira. Este documento relacionava os crimes atribuídos aos bruxos e dava plenos poderes aos inquisidores para prender, torturar e punir todos aqueles que fossem suspeitos do crime de feitiçaria.

Infelizmente a filha de Dona Adelaide Cordovil não teve a sorte de sua mãe ser apanhada antes de sua execução. A menina morreria com um punhal enfiado no meio do coração e a sentença da mãe era a morte pelo fogo santo.

A atitude da multidão era de espanto. Em geral aquela gente gostava de execuções em praça pública por enforcamento ou na fogueira, principalmente quando a execução era de uma bruxa; eles odiavam as bruxas. Com aquela prisioneira era diferente. Todos a conheciam, e era inacreditável que uma mulher que aparentemente fosse da igreja, se envolvesse em rituais satânicos tão desprezíveis quanto aqueles. Houve algumas zombarias e vaias quando a prisioneira entrou na praça, mas sem grande entusiasmo, com exceção do demonstrado pelos rapazes, que gritavam palavras de ordem para queimarem a bruxa.

O bispo era uma figura familiar no meio dos inquisidores. Tinha acabado de assumir a diocese e era conhecido por seu jeito ríspido e grosseiro de ser. Mas os outros dois homens que o acompanhavam eram estranhos. O cavaleiro, um homem corpulento da Ordem dos Freires de Évora, era alto, usava barba e tinha traços mouros. Era claramente uma figura importante, pois ostentava um brasão de família bordado a ouro em sua roupa. O frei era muito mais

velho, uns 60 ou 70 anos talvez, um homem alto e magro de andar curvado, como se a vida fosse para ele um fardo pesado para carregar.

A mulher foi levada para o local onde uma pilha de madeira a esperava. Ao passar pela multidão, um homem mirou cuidadosamente e cuspiu na prisioneira. Tinha uma ótima pontaria, pois acertou em cheio os olhos da bruxa, que rosnou uma maldição e se arremessou contra o agressor, mas foi contida pelas cordas que a prendiam. Ela parou de frente a pilha de pau seco e começou a lutar, tentando se soltar. Os rapazes vibraram lá do alto, teriam ficado desapontados se a mulher não reagisse; eles gargalhavam e zombavam, enquanto a mulher era amarrada no meio da madeira. Era inútil lutar, seu destino estava traçado, a morte era certa. De longe o bispo, o cavaleiro e o monge assistiam a tudo calados. Quando o executor se aproximou da bruxa com uma tocha em chamas, a mulher desatou a berrar. A multidão esperava que ela pedisse perdão e implorasse para ser solta, mas não, ao invés disso ela começou a proferir pragas que gelaram o sangue de seus algozes. Seus olhos malignos se dirigiram para eles e ela começou a dizer:

—Eu os amaldiçoo com a doença e a dor. Que vossa família de agora em diante seja infortunada. Que

vossos filhos morram pelo fio da espada de vossos inimigos e que tu, ó bispo de Évora, envelheça na tristeza, no remorso e na doença, e que morra na podridão e na agonia. Que esta praga se perdures para toda a vossa geração de hoje até o fim dos tempos, e que os meus ossos sejam testemunhas do derradeiro destino que todos vós tereis. Que meus ossos que aqui restarem pelos vossos esperem até que os vossos nomes e os de tuas famílias sejam esquecidos para sempre.

A multidão se calou e antes mesmo que a bruxa dissesse mais alguma coisa, o executor ateou fogo à madeira, que se incandesceu de imediato, incendiando tudo que tocava. Ela continuou a berrar, praguejando até que o fogo atingisse o seu rosto, e sem ar, ela perdesse o fôlego, desmaiando de terror e de dor, tendo sua vida levada pelas chamas devoradoras daquela fogueira santa. Todos assistiam calados aquela macabra cena e quando o fogo se apagou só restavam ossos que, por incrível que pareça, estavam intactos, como se tivessem sido descarnados com o auxílio de uma lâmina e não pelo fogo. Aquele era o fim de Adelaide Cordovil e o início de uma história trágica que colocaria em risco a vida dos descendentes de todos os envolvidos naquele julgamento.

Capítulo 1

Sec. XX –9/11/1996

Liz Maria começou a sentir esperançosa de novo quando avistou o Portal de Santarém da Vila de Montemor-o-Novo. Era tarde da noite, chovia torrencialmente e a única coisa que ela queria era chegar logo ao Convento da Saudação. Sob uma grossa capa de chuva, e levando no colo um bebê que quase perdia o fôlego de tanto que chorava, ela avançava sem cessar. Naquela noite, quando deixou a mansão dos Algarves pensou que seria assassinada e ninguém jamais saberia o que acontecera, mas agora, vendo que conseguira chegar ao portal, suas esperanças reavivavam.

Os Algarves eram uma família tradicional de Évora, na região do Alentejo em Portugal, mas ninguém sabia que eles estavam envolvidos em uma estranha seita, e Liz Maria, uma empregada da família que estava cansada de testemunhar as atrocidades que faziam, não pensou duas vezes ao desaparecer com a criança antes que eles cometessem mais uma insanidade, sacrificando a pobre menina. Ela sabia que a cidade tinha leis e que os infratores eram punidos, mas sabia também que em se tratando dos Algarves, ninguém ousaria puni-los.

Ela subia aquela ladeira com a força de uma leoa que defende os seus filhotes. Enquanto subia sob a grossa chuva, lembrou-se das diversas vezes que percorrera aquele caminho na companhia das irmãs dominicanas, que a levavam para assistir a missa na Igreja Matriz de São João de Deus. Liz Maria crescera no convento aos cuidados das irmãs, e quando ainda jovem, recebera o convite para trabalhar na mansão dos Algarves, uma proposta tentadora, já que com isso ela conquistaria a sua liberdade, não imaginando que na verdade ela estava indo para a boca do inferno.

Ela parou em frente ao portal e olhou de relance o brasão de armas manuelino da Casa da Guarda. Caminhou através do grande portal e dirigiu-se à Torre do Relógio. Continuou subindo e ao chegar ao topo, parou rapidamente para ganhar fôlego. A claridade de um relâmpago permitiu que ela vislumbrasse ao longe as ruínas do Paço dos Alcaides. A vila inteira estava sob a escuridão, o fornecimento de luz havia sido cortado, provavelmente devido a um curto circuito na rede de fornecimento de energia. Os raios estavam caindo para todos os lados. Ela seguiu em frente, contornando a muralha dionisiana até alcançar a porta principal do Convento da Saudação. A porta como de costume estava trancada. Por um momento Liz Maria se sentiu tentada a desistir, mas ao olhar o rostinho daquela criança chorona, resfolegou-se e bateu com estardalhaço na porta. *Está é a minha casa!* – ela

pensou – mas não era mais. Há muito havia deixado aquele lugar em busca de dias melhores; e o que havia encontrado? Somente a dor, o sofrimento e a morte. A ideia de voltar a morar naquele lugar santo a tranquilizou, então ela bateu novamente e desta vez uma freira apareceu olhando desconfiada para Liz Maria.

—Graças a Deus é a senhora, Irmã Catarina, por tudo que há de mais sagrado, deixe-me entrar – ela disse em desespero.

O Convento da Saudação é considerado como o monumento de maior valor artístico do município de Montemor-o-Novo. A sua origem remonta ao século XVI, apesar de ter sofrido algumas modificações durante o século XIX. O edifício foi utilizado como mosteiro de clausura para a ordem religiosa de São Domingos e, mais tarde, foi utilizado como refúgio para crianças necessitadas. Na atualidade possui um claustro da época de D.João III e é lá que muitas moças se refugiavam em busca de uma paz espiritual.

Irmã Catarina Ramires mal pôde conter o espanto ao ver Liz Maria com uma criança no colo. Ela era uma irmã zelosa e por diversas vezes, antes que Liz Maria deixasse o convento, se meteu no meio da madre superiora e Liz Maria saindo em defesa da pobre menina órfã, quando ela roubava os pães na dispensa

do convento. Sempre optava por ficar ao lado dos mais fracos e não hesitava em tomar as dores daqueles que ela sabia que estavam sendo injustiçados. Para a sorte de Liz Maria naquela noite, a porta do convento fora aberta por irmã Catarina.

_O que a traz aqui a uma hora dessas, menina?
– perguntou a freira abrindo passagem para que Liz Maria entrasse.

O edifício era composto por igreja, coro alto e corobaixo, cripta, capela, sala do capítulo, portaria-mor, 2 pátios, 2 refeitórios e 2 cozinhas, além de dormitórios, enfermaria, cercas e claustro principal.

_Preciso de ajuda, irmã. Pelo amor de Deus, me deixe ficar aqui – respondeu Liz Maria, que àquela altura já estava em prantos e encharcada até os ossos; a água escorria pelo seu rosto e, enquanto falava com a freira, passava repetidas vezes as mãos pelo rosto tentando desviar os rios de chuva e lágrimas que alagavam os olhos.

_Tenha calma, minha filha. Entre, saia desta chuva. Vamos até a sala do capítulo, lá poderemos conversar em segredo e você me conta o que aconteceu.

Irmã Catarina conduziu-a para dentro, deixando para trás a portaria-mor, passando pelo pátio principal até alcançarem a Sala do Capítulo. Situada no piso inferior do claustro, aquela sala possuía uma decoração rica a fresco com uma figura de Cristo preso ao centro na coluna octogonal que sustentava a abóbada nervurada, a Sala possuía ainda uma urna onde foram depositadas as ossadas das freiras que estavam sepultadas no chão daquela sala.

Liz Maria e a freira entraram. Liz Maria, mais calma, despiu-se de sua capa de chuva sentando-se no primeiro banco que viu pela frente, enquanto ninava a pequenina.

_Graças a Deus ela parou de chorar – disse ela aflita.

_Quer pela graça de Nossa Senhora de Fátima me contar o que está acontecendo? – perguntou a freira preocupada.

_Eu não podia mais ficar lá, irmã. Eles iam matá-la.

_Lá onde, minha filha? Eles quem?

_Os Algarves... eles são uns monstros!

_Não diga isso, Liz Maria. Dona Romilda é mulher de fé, está sempre na missa. Padre Teodoro diz que eles sempre contribuem com gordas quantias com a paróquia.

_É tudo fachada, irmã. Dona Romilda é um monstro e a filha dela, a Matilda é o capeta em pessoa.

Irmã Catarina persignou-se.

_Não diga esse nome aqui. Isso traz mau agouro.

_Me desculpe, irmã. É que não tem como descrever aquela família a não ser por estes nomes. Eles são diabólicos. Todos eles. Pobre senhor Alberto, vive naquela casa sem direito a voz ativa. Ele é um coitado e se não fosse por ele eu nem estaria aqui. Eles iam matá-la, irmã, eles iam matá-la – disse Liz em desespero.

Enquanto falava, Liz Maria enxugava o rostinho molhado do bebê, que para a sua sorte, havia pegado no sono.

_Quem ia matar quem? Se acalme e me conte está história.

_Estavam se preparando para sacrificar o bebê. O senhor Alberto arranjou a minha fuga. Sai pelas

portas dos fundos antes que pusessem a mão na criança – respondeu Liz de forma logorreica.

_De quem é esse bebê?

Liz Maria olhou para a freira preocupada e antes de responder deu-lhe um leve beijo na testa.

_Minha – ela respondeu sem pensar – ela é minha filha.

Irmã Catarina olhou para ela desconfiada.

_Eu não sabia que tinha se casado – ela disse.

_E não me casei, irmã. Ela é filha do meu ex namorado, que fugiu para Lisboa assim que descobriu que seria pai... aquele canalha.

A freira torceu o nariz e balançou a cabeça negativamente.

_Estes jovens de hoje, são tão inconsequentes..., mas por que os Algarves matariam essa pobre criança? Isso não tem cabimento!

_Eles são satanistas, irmã.

Irmã Catarina persignou-se novamente.

_Não fale esse nome – ela advertiu. Que ideia maluca é essa? De onde tirou isso? Dona Romilda é mulher da igreja.

_Eu estou lhe dizendo, irmã. É tudo fachada. A senhora precisava ver os rituais que eles fazem as escondidas nos porões daquela mansão. Uma vez eu fui limpar as escadas baixas a mando de Dona Romilda e pude ver o que eles têm escondido lá em baixo. Tremo toda só de lembrar. Esta noite eles se preparavam para o sacrifício da menina, quando o senhor Alberto implorou-me para fugir com ela. Não houve tempo para pensar e o primeiro lugar que me veio à cabeça foi o Convento da Saudação. Pelo amor de Deus nos deixe ficar aqui.

_Mas, minha filha, você sabe que não podemos recebê-la aqui. A criança talvez, mas... você?

_Eu não tenho pra onde ir, irmã, e se os Algarves descobrirem que estou aqui, eles darão um jeito de matar-me. Descobri coisas sobre eles que fariam o próprio inferno tremer. Eu não posso mais sair as ruas e essa criança... essa pobre menina... a senhora nem imagina o que eles fazem com crianças como esta. Eu não tenho escolha, eu preciso me esconder aqui.

Fez-se silêncio. Irmã Catarina olhava para Liz Maria com um olhar piedoso, mas ela não era a superiora

naquele convento. Ela não tinha o poder de decidir quem ficava ou quem saía. Essa era tarefa da Madre Tereza, a superiora do convento.

_Você só poderia ficar aqui se entrasse para o claustro – disse a freira, quebrando o silêncio. – Estaria disposta a abdicar-se dos prazeres da carne para dedicar a sua vida à oração e ao louvor a Deus?

Liz Maria encolheu os ombros.

_Eu não tenho escolhas – ela disse. – Ou isso ou a morte.

_Pois muito bem. Conversarei com Madre Tereza e veremos se ela a aceita de volta. Já o seu bebê...

_ O que tem a bebê?

_ Ninguém aqui dentro pode saber que ela é sua filha. Direi que alguém a deixou na porta do convento esta noite. Já estamos acostumadas a receber recém nascidos para cuidarmos. Não foi assim com você?

Liz Maria fez um sim com a cabeça e a freira continuou:

_Você se esconderá na enfermaria por alguns dias, seria muita coincidência você e o bebê chegarem ao mesmo dia. Isso levantaria suspeitas. Assim que eu

conversar com a madre superiora eu irei até você para avisá-la se foi aceita ou não.

_E lá é seguro?

_Sim, não se preocupe. A ala hospitalar do convento está às traças, graças a Deus estamos todas em perfeito estado de saúde.

_Graças a Deus! – disse Liz Maria – Não tenho palavras para agradecer, irmã. A senhora está salvando a vida de duas pessoas.

_Agradeça a Deus, não a mim. Mas não pense que será tarefa fácil viver no claustro. Além do mais, você não poderá nem imaginar em chegar perto de sua filha. Você acha que consegue?

_Sim, eu consigo. Passei a maior parte de minha vida dentro destes muros, sei bem o ritmo de vida imposta às freiras pela madre superiora, sei bem que ela as leva em rédeas curtas.

_O claustro pode parecer meio assustador no início, mas você se acostuma e depois nunca mais irá querer ver o mundo novamente. Além de quê estará totalmente segura e protegida aqui dentro.

_Eu não tenho escolhas, irmã, ou é isso, ou a morte...

O dia amanheceu claro e brilhante naquela manhã de agosto. Não tardou para que irmã Catarina se apresentasse à sala de Madre Tereza com o bebê no colo. A criança acabara de mamar um leite morno que as freiras da cozinha haviam preparado. Ela dormia como se o mundo lá fora fosse o paraíso. Ao se aproximar, a madre superiora foi logo dizendo:

_Mas o que é isso? Mais um enjeitado?

_Deixaram esta pobre criança nos portões do convento esta madrugada, senhora. Quando a encontrei ela estava toda molhada por causa da chuva – mentiu irmã Catarina.

_Não sei aonde esse mundo vai parar – a madre disse -, essas mães irresponsáveis. Na hora de praticarem o pecado da carne elas gostam. Fornicam com qualquer cafajeste, depois abandonam seus filhos como se fossem ratos famintos. Que Deus tenha misericórdia de suas pobres almas. O que é desta vez, mais um menino?

_Pela graça de Deus, não. Desta vez é uma menina. Podemos ficar com ela. Quando crescer ela poderá nos ajudar nas tarefas do convento.

Madre Tereza torceu o nariz balançando a cabeça de modo reprovador.

_Você não tem jeito, não é mesmo irmã Catarina? – ela disse - Mal passou uma noite com essa criança e já se apegou a ela?

Irmã Catarina fez um leve afago no rosto da menina.

_E como não apegar, madre? Olha que coisinha mais fofa – ela respondeu.

Madre Tereza se aproximou para dar uma boa olhada no bebê. A criança abriu os olhinhos e bocejou. A madre superiora também se encantou com o que viu, mas fez-se de durona e se afastou.

_Pois muito bem. Podemos ficar com ela, mas você será a responsável por esta menina até que ela consiga uma família adotiva, estamos conversadas?

_Sim, esta tarefa eu assumirei com gosto. A senhora sabe como eu amo as crianças.

_E não se apegue muito. Esta menina não é sua e logo, logo aparecerá uma família para adotá-la e levá-la para bem longe daqui... bem, pelo menos assim eu espero.

_Assim será feito, senhora.

_E ela já tem nome?

_Não. Não pensei em um nome ainda.

_Que tal Aliena?

_É um bonito nome – concordou irmã Catarina.

_Pois então ela se chamará Aliena. E ela deve receber o seu sobrenome já que será a responsável por ela. Aliena Ramires, o que acha?

Irmã Catarina olhou com piedade para a criança. Aliena Ramires, esse era o nome dela. Ela já a amava como se fosse sua própria filha – *ninguém irá tirá-la de mim* – ela pensava enquanto ninava a pequenina.

_Muito bem, que seja como a senhora desejar.

Madre Tereza pareceu ficar satisfeita, embora tivesse preocupada com a forma amorosa que irmã Catarina olhava para a pequena Alie. O rosto da freira, sem dúvida, tinha um ar de satisfação que há muito a madre superiora não via. Ela ficou silenciosa e pensativa por um momento, e depois disse:

_Então leve essa criança daqui. Providencie roupas e fraldas. Peça à irmã Dolores que vá a cidade comprar o que irá precisar. Mas não gaste muito. Ultimamente não temos recebido muitas doações.

_Pode deixar, senhora. E obrigada por deixar que ela fique.

Embora a presença de Aliena mudou um pouco o ritmo de algumas freiras naquele convento, os anos se passaram rapidamente. Todos os casais que buscavam uma criança para adotar no Convento da Saudação ouviam a mesma mentira da irmã Catarina – *“essa menina é muito doente. Ela chora muito a noite, sem contar que parece que ela tem um retardo mental”* – ela dizia sempre. Logicamente que a onipotência dos que buscavam um filho adotivo não aceitava crianças defeituosas. Eles sempre buscavam por crianças perfeitas e saudáveis, para exibirem os seus filhos aos seus amigos e familiares.

Dois dias após Aliena ser aceita no convento, Liz Maria também se apresentou à Madre Superiora e começou a sua dura jornada no claustro daquele lugar. O isolamento impedia que as notícias do mundo externo chegassem até as irmãs do Convento da Saudação, e assim os anos se passaram...

Capítulo 2

Sec. XXI – 2019

Aliena acordou cedo naquele dia. A ansiedade para receber o prêmio Virgílio Ferreira a inquietava. Era uma das autoras mais jovens a receber aquele prêmio desde sua criação em 1997 pela Universidade de Évora – UÉ. Esta premiação foi instituída pela UÉ, para homenagear o escritor que lhe dá o nome, o prêmio destina-se a galardoar anualmente o conjunto da obra literária de um autor de língua portuguesa que tenha virado best-seller. O livro “Os Símbolos Mortais” rendera-lhe este título e era fruto de um árduo trabalho de pesquisa frente aos sonhos que tinha desde sua mais tenra idade. Ela sempre sonhava com aqueles símbolos e era mais do que esperado que ela um dia escrevesse sobre eles, e assim aconteceu a publicação de seu terceiro livro e o título de best-seller.

A entrega do prêmio estava agendada para aquele dia 09 de novembro, data em que, coincidentemente, Aliena Ramires comemorava o seu 23º aniversário. Antes de sair de casa, ela acendeu uma vela em agradecimento diante da imagem de Nossa Senhora de Fátima que estava sobre um pequeno oratório sobre uma mesa no canto da sala, pegou um rosário e o colocou no bolso, persignando-se.

Por ter sido criada no convento, Aliena era uma católica fervorosa. Suas amigas sempre achavam engraçada a sua estranha devoção. Alie (como as freiras a chamavam) deixara o convento dois anos atrás, quando se casou com Henrique Vargas, um oficial militar, investigador da PSP (Polícia de Segurança Pública) de Évora, onde residiam. Henrique tinha 32 anos, era moreno, alto e com fortes traços mouros. Era conhecido por seus colegas de trabalho como sendo extremamente organizado e de uma índole incorruptível, o que o dava certo prestígio junto ao seu comandante superior, o inspetor Afonso Mathias, que sempre lhe dava os casos mais complicados para investigar.

Ramires já estava na UÉ aguardando o início da cerimônia de entrega do prêmio quando o seu celular tocou:

_Alô – ela disse atendendo ao segundo toque.

_Não poderei ir – disse Henrique do outro lado da linha - desculpe-me. O inspetor Mathias acabou de convocar-me para uma operação. Parece que houve um assassinato no Convento da Saudação.

A expressão de Aliena modificou-se.

_No convento? – ela perguntou assustada – O que aconteceu?

_Tenha calma. Ainda não sei. Estou a caminho. Ligo novamente assim que chegar a Montemor, mas ao que tudo indica uma das freiras foi brutalmente assassinada.

Ramires estremeceu, estatelando-se na primeira cadeira que viu pela frente. Por um instante a ideia de que irmã Catarina pudesse ter sido assassinada passou por sua cabeça e lágrimas começaram a rolar de seus olhos.

_Pelo amor de Deus, me dê notícias assim que chegar ao convento. E veja se irmã Catarina está bem.

_Tenha calma. Não há de ser nada com irmã Catarina. Concentre-se em seu prêmio. Você trabalhou muito por ele e o merece, além do mais hoje é dia de festa, é seu aniversário e tomaremos aquele vinho como combinado.

Aliena respirou fundo, enfiou a mão no bolso, pegando o rosário que lá estava. - *Que Deus proteja as irmãs* – ela pensou enquanto enxugava as lágrimas persignando-se.

_Tentarei me acalmar – ela disse -, rezarei para que tudo fique bem.

_Faça isso e boa sorte aí.

Quando Henrique desligou, Ramires ainda estava trêmula. Irmã Catarina era a pessoa mais próxima da palavra mãe que ela conhecia. Embora Liz Maria também morasse no convento, ela vivia no claustro e não tinha permissão para entrar em contato com as outras pessoas ou irmãs que não viviam na clausura. Ramires nunca soube da existência de Liz Maria, muito embora vivessem tão próximas uma da outra.

Montemor-o-Novo está a 31,6 km de distância de Évora e Henrique não teve dificuldades para lá chegar. A área externa em frente ao portão mor do convento estava tomada de repórteres. Dois agentes tentavam, sem grande sucesso, estabelecer um cordão de isolamento em torno do portão. Henrique se embrenhou no meio deles, tentando evitar perguntas indesejadas. Ao vê-lo chegar, um policial cumprimentou-o com um gesto à distância sem deixar de prestar atenção nos repórteres e curiosos que tentava refrear a fim de evitar que invadissem o lugar. No mesmo instante, outra viatura da polícia com a sirene ligada estacionou ao lado do convento, conseguindo por um momento chamar a atenção sobre si da multidão excitada, que emudeceu

frente aos uivos da sirene. Aquela era a deixa que Henrique precisava para atravessar a balbúrdia e ir de encontro ao policial que o esperava. Ao encontrá-lo, Henrique e o policial foram logo entrando e seguindo para os fundos em direção à enfermaria, onde o corpo fora encontrado.

_O inspetor Mathias deu ordens expressas para que você assuma o caso – disse o policial -, mas não tinha certeza que viria, afinal, hoje a sua esposa está recebendo um grande prêmio.

Vargas assentiu com a cabeça. Enquanto falavam, seguiam a passos largos.

_São ossos do ofício – disse Vargas. - Ela sabe que isso faz parte do meu trabalho.

_Esse nosso trabalho às vezes assusta...

_E o que temos aqui? – Vargas perguntou.

_Nunca vi nada parecido com isso – respondeu o policial parecendo assombrado -, parece coisa do diabo.

Os dois atravessaram o pátio principal e ao alcançarem a ala hospitalar, Vargas viu que algumas irmãs choravam copiosamente. Madre Tereza veio ao seu encontro.

_Precisam tirá-la de lá – ela disse impassível -, as irmãs estão apavoradas.

O Investigador Vargas olhou-a desconfiado.

_Faremos isso assim que um de nossos legistas avaliar o corpo e após termos examinado bem o local do crime – ele disse bruscamente. - Isso é importante para as investigações.

Ao entrar no quarto de número 3 daquela enfermaria, Henrique ficou estupefato com a visão que teve. Um policial e um guarda prisional estavam de pé diante de um corpo com os rostos desfigurados pela visão que tinham. Quando viram o investigador se aproximar, desviaram para o lado, deixando que ele também visse aquela cena macabra. O corpo de uma mulher nua estava deitado no chão, dentro de um círculo perfeito onde as pontas dos dedos das mãos e pés tocavam suas bordas. A boca estava cheia de terra e na testa, marcado a ferro quente, via-se o desenho de uma estrela de cinco pontas também dentro de um círculo.

Um legista já estava no local fotografando a cena e recolhendo os objetos que julgava ser importante para as investigações.

Vargas aproximou-se para ver melhor. A cena era realmente macabra, como antecipara o policial. Ele também fez várias fotos de seu celular e, após terminar, cobriu o cadáver gentilmente com um lençol. Madre Tereza aproximou-se.

_Pobre irmã – ela disse.

_Quem era ela? – Vargas quis saber, voltando-se para a madre superiora, cujo olhar suspeito o intrigava.

_Irmã Liz Maria, investigador. Ela vivia no claustro. Veio para a enfermaria ontem à noite, após sentir muita dor abdominal.

_E ela estava sozinha?

_Não. Irmã Francisca estava com ela, mas pegou no sono, como se tivesse tomado um sonífero fortíssimo. Quando irmã Catarina veio rendê-la, encontrou Francisca desfalecida e Liz Maria neste

estado. Pobrezinha, ela não para de chorar sentindo-se culpada.

_Quem, irmã Catarina? – o inspetor perguntou.

_Não, irmã Francisca.

Vargas pareceu confuso.

_A senhora tem alguma ideia de quem poderia ter feito isso? – ele perguntou.

_Não faço ideia, investigador. Ninguém entra ou sai deste convento sem que saibamos. Quem quer que tenha feito isso ou estava aqui dentro ou tinha livre acesso ao convento. Os muros são altos, é impossível saltá-los.

Vargas olhou em volta notando uma xícara de chá na mesinha ao lado da cama onde irmã Francisca havia dormido. Ele tirou um pequeno frasco de vidro de sua bolsa, calçou um par de luvas e recolheu o resto do chá. Pegou a xícara e guardou-a em um saco plástico. Madre Tereza acompanhava a tudo impassível.

_Onde está irmã Catarina? – o investigador perguntou ao terminar.

_Ela está com a irmã Francisca – a madre superiora respondeu.

_Preciso vê-la.

_Venha comigo – disse a madre.

Os dois atravessaram o pátio central em direção à capela. Lá dentro algumas freiras choravam enlutadas enquanto outras rezavam. Ao ver Henrique se aproximar, irmã Catarina correu ao seu encontro.

_Graças a Deus é você que veio, meu filho – ela disse. – Estamos apavoradas, que maldade o que fizeram com a irmã Liz. Ela não merecia isso.

_Tenha calma, irmã. Vamos descobrir quem foi o culpado – Vargas respondeu. - Tem alguma ideia de quem poderia ter feito isso?

Irmã Catarina emudeceu, olhando para Henrique com uma expressão de horror absoluto.

_Tem alguma ideia de quem pode ter feito isso, irmã? – o investigador insistiu.

Irmã Catarina pareceu incapaz de responder. Baixou o olhar para o chão como se evitasse encarar o investigador. A expressão de assombro da freira deixou poucas dúvidas de que ela sabia de alguma coisa. Depois de alguns segundos em silêncio, ela levantou os olhos e disse vacilante:

_Não... é claro que não... por que eu saberia?

Ela está mentindo – pensou Henrique, intrigado com o motivo para a irmã tentar disfarçar a reação de espanto diante de sua pergunta.

_Se soubesse de algo iria nos contar, não é mesmo? – Madre Tereza perguntou.

Agora os lábios de irmã Catarina estavam tremendo.

_Já disse que não sei de nada.

As perguntas do inspetor e da madre superiora foram interrompidas quando uma irmã apareceu na porta da